



**De um “Calcinha Larga” à Flip de Paraty: meu encontro com a Nobel de Literatura
Annie Ernaux**

*From “Wide Panties” to the Paraty Literary Festival: my encounter with the Nobel Prize in
Literature winner Annie Ernaux*

Edméa Oliveira dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Rio de Janeiro.

Resumo

Este ensaio propõe a "hiperescrevivência", escrita de si na cibercultura, multirreferencial e conectada aos cotidianos. A partir de experiências em diferentes *espaçotempos*, explora-se a relação *cidadeyberspaço* com narrativas que misturam diarismo, memórias e mídias digitais. A escrita científica assume forma hipertextual, permitindo acesso a redes sociais, podcasts, vídeos e narrativas diversas. Conclui-se que aprendemos em rede, conectando territórios físicos e digitais. O conhecimento na cibercultura emerge das interações entre humanos e tecnologias, questionando os limites da educação formal e valorizando a escrita autobiográfica com densidade acadêmica.

Palavras-chave: Escritas de si; Cibercultura; Redes educativas.

Abstract

This essay introduces the concept of "hyper-survival," a cybercultural self-writing that is multi-referential and rooted in everyday experiences. Through immersive journeys across different *spacetimes*, it explores the *citycyberspace* relationship using narratives that blend diaries, memories, and digital media. Scientific writing takes a hypertextual form, linking to social media, podcasts, videos, and various narratives. The conclusion highlights learning in networks that connect physical and digital territories. Knowledge in cyberculture arises from interactions between humans and technologies, challenging the boundaries of formal education and embracing autobiographical writing with academic depth.

Keywords: Self-writing; Cyberculture; Educational networks.

“E o verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita”.
Annie Ernaux (fala livre da autora na FLIP de 2022)

Primeiras palavras

Pesquisar com os cotidianos na cibercultura é sobretudo criar metodologias. Inventar e forjar dispositivos que disparem a produção de dados, ou seja, que vão além das práticas extrativistas de coletas de dados. Mais que fazer longas e genéricas “revisões de literatura”, mapear definições, conceitos e noções, para com estas analisar uma empiria recortada pelas lentes da teoria anteriormente mapeada, nossa implicação é com a imersão em contextos ciberculturais para com estes aprender, formar e se formar. Com isso, deixamos claro que não ignoramos as teorias existentes e muito menos as pesquisas já realizadas mundo afora, mas valorizamos exatamente a teoria, fruto de um mergulho interpretativo e hermenêutico advindo da experiência imersiva em contextos singulares de autorias em nosso tempo. Aprendemos com Macedo que:

O pesquisador, portanto, não tem acesso direto à compreensão do outro. O rigor dos seus métodos porta esta premissa, e como tal, constrói dispositivos capazes de trabalhar com a intenção e as escolhas dos atores sociais, único caminho rigoroso que pode possibilitar alguma aproximação da compreensão do outro e da sua realidade, com isso, produzir o que se denomina nas epistemologias qualitativas de conhecimento situado (Macedo, 2009, p. 88).

Nesse contexto, nosso campo de pesquisa compreende e envolve a relação *cidadeciberespaço*ⁱ, ou seja, em interface com territórios físicos (espaços presenciais: formais, não formais e informais), lógicos (espaços das linguagens) e informacionais (territórios de ciberespaço, informáticos e telemáticos). Este texto é a materialidade de uma pesquisa qualitativa de natureza autobiográfica, inspirada nas pesquisas multirreferenciais com os cotidianos na cibercultura. As narrativas aqui não se esgotam na produção de dados qualitativos, a exemplo das narrativas textuais, sonoras e ou imagéticas da praticante da pesquisa. A narrativa também é uma opção política de comunicar a ciência que produzimos em contexto cibercultural, marcado pela linguagem da hipermídia.

É notório que o conceito de texto vem passando por transformações profundas desde que as tecnologias digitais entraram em uso. A integração do texto, das imagens dos mais diversos tipos, fixas e em movimento, e do som, música e ruído, em uma nova linguagem híbrida, mestiça, complexa, que é chamada de “hipermídia”, trouxe mudanças para o modo como entendíamos não só o texto, mas também a imagem e o som (Santaella, 2007, p. 286).

Assim, optamos pela hiperescrivivência, entendida como uma escrita de si cibercultural que aciona diferentes redes e conexões de experiências na relação *cidadeciberespaço*. Sua materialidade textual bricola os gêneros do diarismo e das memórias com conexões hipermidiáticas. De acordo com Zinsser (2021, p. 169-170), “as memórias tomam como pressuposto a vida e ignoram a maior parte dela. O escritor de memórias nos leva de volta a algum recanto do seu passado que tenha sido extraordinariamente intenso. [...] uma construção deliberada, [...] Um dos segredos dessa arte é o detalhe”. Este texto narra nosso encontro formativo com pessoas, *espaçostempos*, acontecimentos, objetos técnicos, cheiros, sabores, saberes, artefatos curriculares entre outras redes educativas, tecendo assim o conhecimento em rede (Alves, 2008).

O que chamamos hoje de *hiperescrivivência* não deixa de ser o que outrora entendemos por hiperescrita de si:

São as escritas que contêm experiências, lembranças, relatos e ficções sobre si mesmo e o processo formativo, na linguagem da hipermídia. Ou seja, que utilizam e expandem a plasticidade do digital e suas possibilidades imagéticas, de hiperlinks e *espaçostempos* das redes, para contar histórias de vida, inventá-las e ficcionalizar a própria vida (Maddalena; D’Ávila; Santos, 2018, p.330).

Em contrapartida, queremos marcar a singularidade das escrevivências por estas não se limitarem a contar histórias de si, mas expandirem ao contemplar uma rede plural e até ancestral de conexões com outras pessoas, suas histórias, contextos sócio-históricos e culturais. Como já destacamos em Santos (2022), a noção de *escrevivências* cunhada por Conceição Evaristo muito nos inspira por compreender escrevivências como uma escrita de si não narcísica e sim coletiva. Para Evaristo (2021), o mito de Narciso nos ensinou que o encantamento com a própria imagem nos mata como sujeitos históricos e confronta o espelho d’água de Narciso com os de Oxum e de Iemanjá, personagens da mitologia africana. É exatamente aí que a imagem de pensamento dos “espelhos” muito me toca.

O espelho de Oxum traz uma alegoria muito inspiradora, uma vez que me reconheço de Oxum, mesmo não tendo lhe dado ainda a minha cabeça no ritual religioso. É com a imagem de seu espelho que busco lidar com meus dilemas cotidianos, minhas invenções e existência, por mais que me pegue, muitas vezes, usando o espelho de Narciso. Mas é com os espelhos de Oxum e de Iemanjá que eu quero mesmo estar. Nas palavras de Evaristo, o espelho de Oxum acolhe a beleza negra e o de Iemanjá acolhe todos (Santos, 2022, p. 24).

Vejamos a seguir um trecho online da fala de Evaristo (2021) para o programa “Roda-Viva” da TV Cultura:

https://www.instagram.com/tv/CTgORcdlcFH/?utm_medium=copy_link

Escrever sobre si e em contexto, escrever em primeira pessoa do singular e do plural, narrar minhas práticas de pesquisa e formação, ensinar e aprender com essas escritas me constituem sobremaneira. Assim, vivencio a docência e a ciberpesquisa-formação. Neste texto especificamente, o leitor terá acesso a uma literaturização científica hipertextual, onde poderá acessar de forma intertextual redes sociais e plataformas digitais multimodais com *podcasts*, webconferências, *visual storytelling*, narrativas literárias e fílmicas, que nos levaram ao encontro presencial e *online* com a escritora Annie Ernaux e sua obra traduzida no Brasil, aproveitando suas aparições *online* e presencial em nosso país, no âmbito da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2022.

Para tanto, organizamos este texto em quatro diferentes seções: a) esta introdução que nomeamos de “Primeiras palavras”, em que contextualizamos a pesquisa, nossa política de sentido metodológica e a nossa opção de comunicação; b) “Eu e os *podcasts*: atenção especial a um tal “calcinha larga”, em que contextualizamos, conceituamos e exemplificamos a nossa relação e processo formativo com os *podcasts*, conteúdos sonoros disponíveis em plataformas digitais, no contexto de uma tessitura de conhecimento em rede, onde mapeamos diferentes itinerâncias, conceituando diferentes formas de narrar sobre si em situações de vida e formação ; c) “Eu e o livro “*O lugar*”, interfaces para um encontro com Annie Ernaux”, em que narramos o nosso encontro com a obra da escritora francesa Annie Ernaux, nossa personagem conceitual (Alves, 2015, p. 21), e com ela damos continuidade a uma tessitura de conhecimentos em rede ; d) Por fim, na seção “Menos eventos científicos e mais Flip de Paraty! Título próprio de um encantamento...”, concluímos traçando a nossa experiência formativa com a e na Feira Literária de Paraty, onde nos movimentamos ubiquamente, registrando e dialogando com narrativas de pesquisa e formação através da escrita hipertextual em nosso *app-diário*, diário *online* produzido por meio da aplicação da rede social Instagram. Com essa imersão, elaboramos alguns indicadores para inspirar outras e diferentes pesquisas que valorizem a produção de conhecimentos nos cotidianos da cibercultura.

Vejamos algumas notas sobre as “escritas de si”:

Escrita de si em pluralidade

Escrita de si	Livres conceituações
Autobiografia	Escrita de si baseada na narrativa de vida e formação. No campo do conhecimento científico, a autobiografia é uma metodologia de pesquisa qualitativa, em que os sujeitos são convidados a narrar suas itinerâncias e trajetórias de vida. após serem partilhadas num coletivo, essas memórias são atualizadas, formando-se, assim, uma ambiência formativa para mais e melhores conversas, reflexões sobre processos pessoais e coletivos.
Autoficção	Escrita de si que ficciona com intencionalidade literária, uma vez que entendemos que toda escrita tem carácter ficcional — sempre inventamos quem queremos ser. A narrativa literária parte de um acontecimento vivido e se desenvolve pela capacidade do autor de contar histórias.
Escrevivências	Escrevivências são narrativas de si que acionam uma rede de vivências coletivas e até mesmo ancestrais. Quem fala, fala sempre com outros, outras e outres. Para Evaristo (2021), a escrevivência não é narcisista pois aciona, para compor a narrativa pessoal, sempre uma vivência coletiva e solidária.
Autossociobiografia	Escrita de si que narra contextualizando o tempo vivido sócio-histórica e culturalmente. A história de vida e formação de uma pessoa em seu tempo, logo essa história também é a história de um contexto com seus dilemas e potencialidades. Annie Ernaux assim qualifica a sua literatura.
Hiperescrita de si	Escrita de si que extrapola a narrativa textual e investe também em outras linguagens e mídias para contar histórias na cibercultura. Em seu trabalho de tese, por mim orientado, Maddalena (2018) cunha o conceito para demarcar a potência da linguagem hipertextual, já praticada na cibercultura, desenvolvendo dispositivos no campo da formação de professores.
Hiperescrevivências	Hiperescrevivência é entendida como uma escrevivência multirreferencial com os cotidianos, que aciona diferentes redes e conexões de experiências na relação <i>cidadeciberespaço</i> . Sua materialidade textual bricola os

	gêneros do diarismo e das memórias com conexões hipermidiáticas.
--	--

Fonte: Conceituação livre da autora, 2025.

Eu e os podcasts: atenção especial a um tal “Calcinha Larga”

É muito comum ouvir pessoas dizerem que trabalham muito bem ouvindo música. Confesso que invejo essas pessoas. Meu trabalho intelectual criativo e de rotina é multiplataforma, mas, quando o som entra no processo, tudo para. Sou capaz de corrigir textos, escrever *e-mails*, ler livros e ou artigos, assistir tv e ou mergulhar no *stream*. Mas tudo isso sem música. Se eu ouvir música ou escutar qualquer conteúdo sonoro isoladamente, todo o resto fica de lado. Por essas e outras que músicas e conteúdos sonoros têm hora marcada no meu dia. Geralmente, antes de dormir escuto músicas e meus *podcasts* preferidos.

Durante a pandemia da covid-19, descobri o gosto pelos *podcasts* como usuária. Academicamente, esse fenômeno já é meu velho conhecido. Das gravadoras ao *mp3*ⁱⁱ, do *mp3* ao *Spotify*, foram muitas as mudanças e eu nem falei que um tal *Ipod* foi uma revolução, hoje dispositivo de memória afetiva. Alto lá! Ainda uso os meus lindinhos, principalmente em meus caminharas ubíquos...

Nas práticas de educação *online*, em que *podcasts* eram simplesmente arquivos sonoros de conteúdos, as pessoas gravavam áudios de temas e assuntos pontuais, conversas com pares e afins, entravam nos desenhos didáticos de forma mais ou menos interativa. O que isso significa? Há projetos que apenas disponibilizam áudios sem interfaces — a exemplo de fóruns e ou bate-papos *online* — de conversas *online* em outras plataformas. Mas há também desenhos didáticos que usam os *podcasts* como disparadores de conversas. Confesso que prefiro atuar desta forma, afinal a cibercultura é em si interatividade e não distribuição de conteúdos em massa.

Foi exatamente nos últimos anos que os *podcasts* se profissionalizaram a ponto de termos pessoas se intitulando *podcasters*, profissionais que trabalham com criação, produção, mediação de conteúdos sonoros. Projetos da grande mídia, produções ativistas, acadêmicas, artísticas, literárias e ou independentes circulam nas plataformas específicas com bastante qualidade de conteúdo e forma. Roteiros inteligentes, divertidos e excelentes mediações têm me conquistado nos últimos anos. Do verão de 2021 ao verão de 2022, posso dizer que me tornei fã de algumas produções. Escrevo este texto em fevereiro de 2023 e não posso esquecer de um delicioso almoço com os amigos Luciene Santos e Bruno Westermann,

professores da Universidade Estadual de Feira de Santana, em dezembro de 2021. Implicados com a formação de professores para a docência online, essa dupla chegou a produzir alguns podcasts e eu fui uma das primeiras convidadas a participar. Acesse aqui nosso podcast:

Educação em tempos de pandemia (EAD/UEFS). Educação a distância, ensino remoto e educação online. Link de acesso:
<https://open.spotify.com/episode/oXVJjqcVVLqNot4iJwIPcu?si=cAHdYzBzRwitK1FGdEdoOQ&nd=1>

Conversa vai, conversa vem, temperadas com um delicioso rodízio de massas no Rio Vermelho, em Salvador da Bahia, Bruno (pesquisador da área de Música da UEFS) me fala sobre o podcast “Calcinha Larga”, roteirizado e apresentado por Tati Bernardi (@tatibernardi), escritora, roteirista, colunista da *Folha de S. Paulo* e podcaster.

Calcinha Larga
Link de acesso: <https://open.spotify.com/show/3C8LowvrjyYDMQljzDmvnu>

O roteiro das edições do “Calcinha Larga” conta basicamente com uma conversa com convidados, mediada por uma âncora e mais duas comentaristas. A conversa é descolada, perpassada por dicas de filmes, livros e um divertido “Corre Freud”, quadro em que temas do dia são comentados, com muito bom humor e viés psicanalítico. Sou fã do podcast “Calcinha Larga”, ouvi todos os episódios de todas as temporadas e aguardo a sua continuidade... Numa dessas dicas de livros, conheci o livro “O lugar”, de Annie Ernaux, sobre o qual falarei em breve. Mesmo sabendo da descontinuidade do podcast, recomendo seu acervo.

E olha o que o universo reservou para mim, já no final de 2022: acabei o ano interagindo com a Tati Bernardi (@tatibernardi) no programa do canal “TV 247”ⁱⁱⁱ, cujo tema foi “resenha de filmes e livros”. A conversa rendeu super bem, foi bastante instigante e com a mediação de Sara Wagner York (@sarawagneryork), primeira mulher trans e travesti da e na educação — também jornalista, e a parceria com o psicanalista Jairo Carioca. (@jairopsicanalista), que também é pesquisador do PPGEDUC/UFRJ, onde atuo como professora e pesquisadora. O programa foi ao ar no canal do YouTube com o título “Programa de travesti - Resenhando a vida: poetizando o caos”^{iv}.

No dia 11 de novembro de 2022, o Programa de Travesti convidou Tati Bernardi, Edméa Santos e Jairo Carioca, para conversar sobre a arte de refletir sobre a vida, resenhar a si, pensar com as séries e viajar nas literaturas autoficcionais. Nosso programa foi gravado terça-feira, dia 08.11.2022, e vai ao ar às 13 horas. Tati Bernardi é uma contista, romancista, cronista, roteirista e resenhista de livros; Edméa Santos, é livre-docente na UFRJ e professora ciberativista e resenhista de filmes/séries; e

Jairo Carioca é teólogo, psicanalista e resenhista político. Conversamos sobre autoficção, escrituras, autobiografias, escritas de si e sobre autossociobiografia, como gosta a Annie Ernaux. Sara Wagner York (âncora da TV 247).

Eu e o livro “O lugar”, interfaces para um encontro com Annie Ernaux

Lavando roupa, “devorei” o livro “O lugar”. Isso mesmo, a dra. aqui leva roupa pra lavar na lavanderia de autoatendimento. São 50 minutos pra lavar e mais 50 minutos pra secar... Enquanto isso, consigo ler metade de um livro. Então, a cada duas idas à lavanderia, um livro é “devorado”. Postei uma resenha breve do livro em meu Instagram. Quem me segue lá no @measantos sabe que o meu Insta é meu diário online, onde eu narro meu dia a dia de vida e formação. Assim, não dissociamos a experiência formativa da pesquisa de seus processos de narração. Como nos sugere Macedo (2015):

No que concerne à relação entre a experiência e a narração sabe-se que a experiência tem um claro conteúdo narrativo porque transcorre no tempo, vive a duração, portanto, reflete as vivências e as implicações dos sujeitos e seus protagonismos [...]. A valorização da narração coloca o narrador numa condição de autor e, mais importante ainda, de viver um processo de autorização, como já dissemos, de tornar-se coautor de si (Macedo, 2015, p. 46).

Durante os últimos três anos, intensifiquei a partilha de resenhas de filmes e livros, forjando o que venho chamando de cineclube e clube de leitura *online* (Santos, 2022). *Todes* são convidados para conversa. Quem segue meu perfil acessa a resenha, lê ou assiste ao filme e vai aos comentários para conversar. Mas ainda tem a chance de ler sobre tudo isso e acessar via QR code o conteúdo via artigos e ou notícias que vou publicando também. Veja notícia sobre:

Santos, Edméa. PARA CINECLUBES E CLUBES DE LEITURA DE, COM E PARA MULHERES: VEM CONVERSAR ONLINE COM ALGUNS VISUAL STORYTELLINGS! Notícias, Revista Docência e Cibercultura, setembro de 2021, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1356> >. Acesso em: 30/12/2022.

Quando divulguei a resenha do livro (*O lugar*), meu amigo Alvanisio Damasceno (@alvanisio) a viu e me recomendou o livro “O acontecimento”, da mesma autora, e lá vou eu para esse encontro. Pouco tempo depois, acesso uma entrevista de Annie Ernaux para a revista Expresso, publicada em outubro de 2022. Fiquei ainda mais encantada com a autora e muito feliz em saber que sua obra autossociobiográfica lhe valeu o Prêmio Nobel de literatura. Há quem diga que a escrita de si, seja ela uma autobiografia, uma autoficção ou uma escritura, não chega a ser literatura. A soberba da ficção é a hegemonia do gênero, e há

quem diga que literatura é só isso, deixando de lado as crônicas, contos, poemas, diferentes escritas de si. Assim, me senti ainda mais encorajada a continuar escrevendo minhas hiperescrevivências, como ensaios literários, mas também e sobretudo como um jeito outro de comunicar a ciência (Santos, 2014, 2020a, 2022). Entendo, assim como Silva e Maddalena, que:

A escrita, inclusive a científica, é uma maneira de marcar as nossas posições no mundo, sendo, portanto, da ordem dos contágios, dos atravessamentos, das interlocuções. Dito de outro modo, não há escrita pura. Quando fazemos circular os “conhecimentossignificações” produzidos nos “espaçotempos” de pesquisa, imprimimos neles as nossas escolhas metodológicas, as nossas preferências teóricas, as nossas redes de “prácticasteorias” e o cruzamento de todas essas marcas com aquilo que foi “ouvidolidosentidopercebido” nas conversas com os praticantes dos cotidianos. (Silva; Maddalena, 2022, p. 111).

Clube de leitura sobre Annie Ernaux, uma experiência coletiva

E como eu “moro” no Instagram, já que lá é meu diário *online* e campo de pesquisa ciberfeminista^v, acesso o convite para o clube de leitura (@clubedeleituraannie), idealizado e mediado por Manuela D’Ávila exatamente sobre a obra de Annie Ernaux, já Nobel de Literatura de 2022. Além do meu projeto aberto de clube de leitura *online* (Santos, 2022), nunca tinha participado de um clube de leitura, nem presencial e muito menos remotamente. O que fazemos, eu e meu grupo de pesquisa GPD OC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, é ler e trocar experiências de leituras multirreferenciais e, entre elas, a literária. A experiência foi muito interessante. De quatro encontros presenciais, participei de dois, acessando todos os encontros pela plataforma específica de modo assíncrono. Manuela D’Ávila produz vídeos introdutórios antes das lives, que são encontros remotos síncronos. Depois da gravação, a *live* é disponibilizada na plataforma, à qual os assinantes têm acesso vitalício.

O clube de leitura converge diferentes plataformas e interfaces para acesso ao conteúdo e interação livre entre os participantes. Temos um Instagram fechado, um grupo do Whatsapp — sem mediações, uma plataforma de conteúdo, a *live* na plataforma Zoom^{vi}. Gostei muito das mediações da Manuela D’Ávila. Competência no debate específico sobre literatura (forma, gênero, estilística, conteúdo e história da autora) e conexões com política, democracia e feminismos. E as redes não param, encontrei uma ex-colega de trabalho, Paula

De um “Calcinha Larga” à Flip de Paraty: meu encontro com a Nobel de Literatura Annie Ernaux

Cid — prof. dra. da UERJ —, especialista em Estudos da Linguagem, com quem pude trocar figurinhas e fofocar um pouco...

Instagram (@clubedeleituraannie)

<https://www.instagram.com/clubedeleituraannie/>

Lemos e trocamos experiências de leitura sobre cinco livros de Annie Ernaux, são eles: 1) *O lugar* (2021), 2) *O acontecimento* (2022), 3) *Os anos* (2021), 4) *A vergonha* (2022), e 5) *O jovem* (2022). Todos os livros foram traduzidos e publicados no Brasil, pela Editora Fósforo. Para participar das lives, não era obrigatório ler os livros, mas obviamente a leitura prévia só potencializa a conversa. Meia hora de fala inicial das mediadoras e mais meia ou uma hora de conversa. Não mais que isso. As participações foram preciosas, mas como acontecem também com as conversas pós-filmes, comumente nos cineclubes, o conteúdo da obra é centralidade e não exatamente a forma e ou a conversa específica sobre a linguagem, no caso aqui a linguagem literária.

Para saber um pouco mais sobre algumas obras de Annie Ernaux, vejamos esta *live* a seguir:

ANALISANDO ANNIE ERNAUX | MARIA HOMEM

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=b-x9tis5Bg>

Annie Ernaux me encantou pela vida materializada numa obra gráfica, crua, autêntica. Histórias de mulheres e do seu tempo foram trazidas em suas narrativas. Sua *mulheridade* dialogou com condições de classe, gêneros, raça, sexualidades. Impossível não perceber as intersecções em sua obra, tão atual, inclusive. As parceiras de clube de leitura traziam suas vivências também em múltiplas dimensões, e chegamos a ter momentos de pura terapia coletiva e ou rede de apoio e acolhimento a tantas histórias de violências que acometem as mulheres historicamente, a exemplo de violências psicológicas, sexuais, patrimoniais e físicas. A experiência coletiva foi forte, importante e nada diferente de uma boa aula construída como um “acontecimento”.

Menos eventos científicos e mais Flip de Paraty! Título próprio de um encantamento...

Moro no estado do Rio de Janeiro há exatamente 20 anos. Sempre me interessei pela Feira Internacional de Literatura de Paraty, mas dela nunca consegui participar. Acontece sempre no mês de julho e esse é um mês de férias para docentes. Costumo viajar para fora do

Rio de Janeiro. Por conta da pandemia e da dificuldade de retorno às agendas presenciais, neste ano de 2022 a Flip aconteceu em novembro. Com a cara e a coragem, “partiu” Paraty.

A “viagem” é compreendida por nós como uma experiência estética de formação. Acontece na tessitura de nossas itinerâncias formativas, tecidas na interface cidadeciberespaço. Com essa interface, vamos deixando rastros de experiências, mapeando a própria itinerância como rede de saberes humanos, não humanos, com as coisas, o meio ambiente. Narrativas, imagens e sons são produzidos e partilhados digitalmente. O celular, com suas aplicações (apps), é nosso diário de pesquisa online. Com e em nossos diários vamos descrevendo, narrando, compreendendo em contexto e forjando o método (Santos, 2020, p.9).

Foram quatro dias de liberdade, fruição, aprendizagens plurais e multirreferenciais. O evento promoveu lançamentos de livros e rodas incríveis de conversas, com autores de diferentes obras. Essa programação, que se estendia para além da agenda oficial democratizada em praça pública, contava com atividades simultâneas em diversos espaços. Casas, livrarias, cafés, restaurantes, ruas são todos *locus* de conversas literárias.

Annie Ernaux estava lá em diferentes situações. Na programação oficial, dividiu mesa com outra autora brasileira, o que, por sinal, foi um erro na minha opinião. As energias, *vibes* e obras não foram interfaces de conversas. Annie merecia ter ficado sozinha com a maravilhosa mediadora Rita Palmeira. Mediadora essa que estava novamente com Annie Ernaux e o escritor carioca Geovani Martins na programação da “Casa Folha”. Essa, sim, foi uma mesa incrível. Sintonia entre autores tão diferentes, mas que encontram a sintonia pela literatura e respeito mútuo.

Flip 2022: Diamante Rubro, com Annie Ernaux e Veronica Stigger (PORT)

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=O8PowekTOok>

Annie Ernaux não só dialogou sobre vida e obra como também nos presenteou com um disputado documentário autoral, exposto no Cinema de Paraty. Vejamos a seguir nossa nota de campo (App-diário):

“Os anos de Super-8” é um documentário autobiográfico familiar. Esse é o gênero cinematográfico que nos apresenta Annie Ernaux, Nobel de Literatura, para @flip_se. Com uma Super-8 e seu conjunto de equipamentos para exibição de 📺, a família Ernaux faz uma cobertura de uma década de imagens familiares. Rotinas cotidianas, crianças-filhos, lindos-locais, bichos e muitos sorrisos, chegadas e partidas, móveis, objetos e mudanças, visitas familiares, avós, a mãe operária, sogros, cunhadas, rotinas diplomáticas, viagens, muitas notas de diários de uma história de “vida como ela é”. Casamento, criação de filhos, produção literária que disputava com todo o resto. Crise e declínio de um casamento, circulação dentro e fora da Europa, são imagens que compõem a narrativa de autoria de Annie Ernaux. Quem se interessa pela vida e obra

da autora e a história política de uma década 1970/80 seguiu o sono pós-almoço e foi até o final. Emocionante. Inicialmente achei que o roteiro do filme era uma versão da obra “Os anos”, mas logo entendi que as quatro décadas de vida cobertas no livro foram reduzidas a uma década coberta pelo filme. O que interrompeu então? Uma separação. A autora se separa de seu marido. Com ele ficou a câmera e seus acessórios e com ela os dois filhos e uma memória imagética de 10 anos de convivência familiar. David Ernaux-Borit assina com Annie Ernaux esta autobiografia familiar. O @cinemadapracaparaty foi reaberto em 2018, após 45 anos fechado. Como pode uma cidade ficar sem seu cinema? Hoje o cinema, administrado pela Secretaria de Cultura do município, tem entrada gratuita. Conta com sala de leitura e uma sala para cursos e produções audiovisuais direcionadas ao público jovem. Amei conhecer este templo de vidas/mundo e conhecer um pouco de sua história. Por mais cinema, autorias e encontros. Hoje na fila conheci pessoas bonitas e a foto de Annie é assinada por @monicaloiola_. Fotinha roubada e gentilmente compartilhada comigo, que compartilho com vcs todes e em especial com @clubedeleituraannie @julianacunha @manueladavila com quem recentemente pude dialogar com e sobre a obra dessa escritora que ousa fazer autossociobiografia. @flip_se !

Link para nota e foto citada: <https://www.instagram.com/p/ClaSLI9uEfG/>

Flip de Paraty de 2023 que me aguarde, vou reservar parte do meu mês de julho pra você. Quem tiver interesse em conhecer um pouco de minha itinerância na Flip de Paraty de 2022, basta encontrar os meus diários online, “App-diário” (Lucena; Santos, 2019), no meu Instagram (@measantos).

- App-diário 1: <https://www.instagram.com/p/CIWafR6p-A7/>
- App-diário 2: <https://www.instagram.com/p/CIWxyHWpB44/>
- App-diário 3: <https://www.instagram.com/p/CIZHowNJhQA/>
- App-diário 4: <https://www.instagram.com/p/ClaSLI9uEfG/>
- App-diário 5: <https://www.instagram.com/p/ClbGIHqrABh/>
- App-diário 6: <https://www.instagram.com/p/ClbTAKIL46E/>
- App-diário 7: <https://www.instagram.com/p/ClbruaLJTIE/>
- App-diário 8: https://www.instagram.com/p/Clbr3HnJe_1/
- App-diário 9: <https://www.instagram.com/p/ClbyAUMpIRe/>
- App-diário 10: <https://www.instagram.com/p/ClcqEM7L8aD/>
- App-diário 11: <https://www.instagram.com/p/ClEB8aWpz9o/>
- App-diário 12: <https://www.instagram.com/p/ClEgoBHJc6d/>
- App-diário 13: https://www.instagram.com/p/ClEz_apz5y/
- App-diário 14: <https://www.instagram.com/p/ClEplRup4Nu/>
- App-diário 15: <https://www.instagram.com/p/ClEqM8VpXse/>

Procuo fazer meus diários no gênero *visual storytelling* (Maddalena; D'Ávila; Santos, 2018), que é uma forma de contar histórias com fotos e narrativas das fotos, ampliando na rede a conversa com esse disparador. Esse tem sido o gênero que assumo, pois me permite registrar o “caminhar ubíquo”, metodologia por mim forjada para pesquisa em movimento na relação *cidadeciberespaço*.

Entendemos por caminhar ubíquo o ato de caminhar por territórios físicos em conexão com o ciberespaço, produzindo, registrando e significando dados de pesquisa-formação na cibercultura. O caminhar é trazido como ato forjado nos acontecimentos de aprendizagem e formação do pesquisador em relação direta com equipamentos culturais, pessoas e suas significações em movimento, territórios simbólicos (Santos, 2020, p.1).

Concluimos mapeando saberes mobilizados com e pela experiência, tais como:

- 1) aprendemos em rede na relação *cidadeciberespaço*, ou seja, em interface com territórios físicos, lógicos e informacionais;
- 2) a construção de conhecimento na cibercultura é fruto de diferentes interconexões de seres humanos e objetos técnicos (conteúdos digitais científicos, artísticos, literários, produções cotidianas), para além da educação formal, colocando-a em xeque;
- 3) a escrita científica pode e deve assumir a narrativa autobiográfica sem perder de vista seu contexto sócio-histórico e cultural e densidade acadêmica.

Enfim, sobre o meu encontro com Annie Ernaux, este será eterno, lembrarei sempre de sua obra, principalmente quando estiver escrevendo as minhas próprias autossociobiografias e/ou hiperescrevivências.

Referências

ALVES, Nilda. Faz bem trabalhar a memória: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Nilda Alves: **praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 207-217.

_____. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3. ed. Petrópolis, RJ: DP&A, 2008. p. 15-38.

ERNAUX, Annie. **O jovem**. Trad. Isadora de Araújo Pontes. São Paulo: Fósforo, 2022.

_____. **O acontecimento**. Trad. Isadora de Araújo Pontes. São Paulo: Fósforo, 2022.

_____. **A vergonha**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2022.

_____. **Os anos**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

De um "Calcinha Larga" à Flip de Paraty: meu encontro com a Nobel de Literatura Annie Ernaux

_____. **O lugar**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista ao programa Roda-Viva**, TV Cultura, setembro de 2021.

LUCENA, Simone; SANTOS, Edméa. APP-DIÁRIO na formação de pesquisadores em Programa de Pós-Graduação em Educação. **Educação Unisinos**, Novo Hamburgo, v. 23, n. 4, outubro-dezembro 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.234.04/60747434>. Acesso em: Jan. 2025.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência**: compreender/mediar saberes experienciais. Curitiba, PR: CRV, 2015.

_____. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL Álamo (orgs.). **Um rigor outro**: sobre a questão de qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: Edufba, 2009. p. 75-126.

SANTOS, Edméa. **Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes**: narrativas de uma mulher durante a pandemia covid-14. São Paulo: Ed. Pedro e João, 2022. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/escrevivencias-ciberfeministas-e-ciberdocentes-narrativas-de-uma-mulher-durante-a-pandemia-covid-19/> Acesso em: Jan. 2025.

_____. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. **Notícias, Revista Docência e Ciberultura**, Revista Docência e Ciberultura, Rio de Janeiro, ago. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: Jan. 2025.

_____. Caminhar ubíquo. In: SANTOS, Edméa; RANGEL, Leonardo. **O caminhar na Educação**. Ponta Grossa: PR, 2020a. p. 1-20.

_____. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

_____. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos, In: In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias**: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011, p.75-98.

MADDALENA, Tania Lucía. **Digital Storytelling**: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura. 2018. 204f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MADDALENA, Tania Lucía; D'ÁVILA, Carina; SANTOS, Edméa. *Visual storytelling e pesquisa-formação na Cibercultura*. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 3, n. 7, p. 290-305, 26 abr. 2018. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2018.v3.n7.p290-305. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/3872>. Acesso em: Jan. 2025.

MARGATO, Cristina. **"Nos meus livros não há autoficção, eles são mesmo biográficos"**. Grande entrevista à Nobel da Literatura Annie Ernaux. Expresso, Lisboa, 14 out. 2022. Disponível em: <https://expresso.pt/revista/2022-10-14-Nos-meus-livros-nao-ha-autoficcao-eles>

sao-mesmo-biograficos.-Grande-entrevista-a-Nobel-da-Literatura-Annie-Ernaux-7f957c44.
Acesso em: Jan. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Leonardo Nolasco; MADDALENA, Tania Lucía. **Hiperescritas de si, currículos insurgentes e educação online: modos de fabular as docências na pandemia (e além dela)**. Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade, v. 11, n. 1, 2022. DOI: 10.9771/re.v11i1.45542. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45542>. Acesso em: Jan. 2025.

ZINSSER, Willian. **Como escrever bem**. São Paulo: Ed. Fósforo, 2021.

Notas

ⁱ Esse modo de escrever este e outros termos foram “ensinadosaprendidos” com Alves (2015), como “dentrofora”, “espaçostempos”, “aprenderensinar” etc. devendo-se à compreensão de que, na modernidade, a ciência foi criada por dicotomias, sendo imprescindível a superação de tais concepções, por entendermos sua indissociabilidade.

ⁱⁱ O formato de áudio mp3 revolucionou a distribuição de música no final da década de 1990 ao comprimir arquivos de áudio sem perda significativa de qualidade, facilitando seu compartilhamento. Em seguida, o iPod, lançado pela Apple em 2001, transformou o consumo musical ao centralizar milhares de músicas em um único aparelho portátil, consolidando o formato digital. Por fim, o Spotify, que surgiu em 2008, popularizou o modelo de *streaming*, mudando o foco da posse da música para o acesso a um vasto catálogo online, redefinindo a indústria fonográfica global.

ⁱⁱⁱ Disponível em: <https://www.youtube.com/brasil247>

^{iv} Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QrKsK-Hz3sM>

^v A pesquisa ciberfeminista trata-se de uma metodologia de pesquisa-formação que busca cartografar as narrativas e práticas de resistência de mulheres na cibercultura. Essa abordagem entende que as produções e interações digitais são atos de currículo e de autoria que constroem ativamente novas formas de pensar, agir e resistir no mundo online.

^{vi} Disponível em: <https://www.zoom.com/?lang=null>

Sobre a autora

Edméa Oliveira dos Santos

Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista Produtividade do CNPQ e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. Líder do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Editora-chefe da Revista Docência e Cibercultura (ReDoC) e Editora gerente da Revista RIAE, Revista Interdisciplinar Artes de Educar. E-mail: edmeabaiana@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4978-9818>

Recebido em: 17/09/2025

Aceito para publicação em: 24/09/2025